

**EDITORIAL**

EDITORIAL



*Teresa* chega à maioridade: 21 anos. Dentre todos os números até hoje publicados, este é o primeiro dedicado integralmente a um escritor de nosso passado colonial, no caso, da literatura luso-brasileira do século XVIII: o poeta José Basílio da Gama.

Para além das dificuldades habituais que envolvem a publicação de uma revista de pós-graduação no país, este número foi organizado em condições particularmente adversas em função da pandemia do coronavírus que surgiu em dezembro de 2019, cuja escalada vertiginosa e de proporções globais ainda permanece entre nós. Para restringirmo-nos ao básico: todas as bibliotecas internacionais e nacionais foram fechadas ao público, impedindo que editores, leitores e pesquisadores pudessem consultar edições originais, manuscritos e documentos raros.

Como feliz contraponto a essas dificuldades, fomos beneficiados com a parceria e a cumplicidade intelectual da professora Vania Pinheiro Chaves, grande especialista na obra do poeta de *O Uruguai*, que não só aceitou nosso convite para ser uma das editoras responsáveis por este número, como participou, com grande generosidade, de todas as etapas de elaboração da revista, discutindo, passo a passo, a concepção do todo, a seleção de textos para a recepção crítica e poética, a indicação de colaboradores, assumindo até as tarefas miúdas, exaustivas e minuciosas da revisão.

Nosso projeto original era comemorar os 250 anos *d'O Uruguai*. Porém, à medida que fomos recolhendo as contribuições críticas, o conjunto cresceu de tal forma que foi necessário considerar um corpus mais amplo da produção de Basílio da Gama: desde o seu primeiro poema, *Brasilienses aurifodinae*, escrito em latim, e ainda inédito, até o último, *Quitúbia*. Na primeira seção, “Ensaio”, conseguimos reunir um mosaico significativo de contribuições que, de certo modo, refletem a riqueza do poeta, particularmente de seu maior poema, objeto de variadas interpretações, de leituras bastante heterogêneas mesmo, às

voltas com as incontornáveis questões políticas e históricas associadas de modo inextricável a aspectos formais, envolvendo, por exemplo, versificação e retórica.

No tocante à “Recepção crítica”, procuramos ampliar as trilhas abertas pelo estudo criterioso e exaustivo realizado pela professora Vania Pinheiro Chaves em *O Uruguai e a Fundação da Literatura Brasileira* [1997]. Nas dobras de sua reflexão, nosso primeiro objetivo foi não somente disponibilizar aos estudiosos e pesquisadores uma vasta antologia de textos, dos séculos XVIII ao XXI, – a maioria de difícil acesso –, mas, num segundo momento, contextualizar o horizonte crítico do poema e oferecer aos leitores um percurso pelo campo minado das ideologias que têm pautado desde sempre a polêmica recepção *d’O Uruguai*.

É preciso frisar que deixamos de incluir o célebre ensaio de Antonio Candido, “A dois séculos *d’O Uruguai*” [1970], atendendo a decisão dos herdeiros de liberar para publicação apenas textos que não constem em livros do crítico; assim como decidimos não reproduzir excertos dos estudos já clássicos de Ivan Teixeira, Mecenato pombalino e poesia neoclássica [1999] e de Vania Pinheiro Chaves, *O despertar do gênio brasileiro: Uma leitura de O Uruguai, de José Basílio da Gama* [2000], apesar de considerá-los, naturalmente, de leitura fundamental: além da dificuldade de selecionar tais trechos, são obras ainda de fácil acesso aos interessados.

Já a seção, “Recepção poética”, demonstra como o poema, no meio do fogo cruzado dos debates da época, nunca deixou de desfrutar de enorme prestígio entre seus contemporâneos, assim como obteve reconhecimento internacional, angariando admiração de nomes como o do português Almeida Garrett, do espanhol Juan Valera e de seu tradutor para o inglês, Richard F. Burton e, entre nós, de Machado de Assis.

Apesar de todo o nosso esforço em mapear a recepção crítica e poética, em contextualizar historicamente poema e poeta, não nos desviamos de uma tarefa fundamental da crítica: abrir novos horizontes de pesquisa. Por isso, este número da *Teresa* tratou de levantar novos documentos, alguns raros e outros inéditos, que certamente representam uma contribuição à bibliografia do poeta: no âmbito da tradução, pela primeira vez, vem a público um trecho do poema *Brasilienses aurifodinae (As minas de ouro do Brasil)*, traduzido por Alexandra de Brito Mariano (que será publicado, em breve, pela Ateliê Editorial); dois sonetos italianos traduzidos por Maurício Santana Dias; transcrição e análise do Parecer da Real Mesa Censória que permitiu a publicação

de *O Uruguai*, feita pela professora Vania Pinheiro Chaves; por fim, o comentário inédito do médico, poeta e tipógrafo italiano, Vincenzo Benini (1713-1764), a respeito de sua amizade e admiração por Basílio da Gama, descoberto por Augusto Massi.

A centralidade de *O Uruguai* acabou solicitando uma atenção especial para a figura política presente em cada verso do poema: o Marquês de Pombal. Para tal tarefa, contamos com a colaboração fundamental de José Eduardo Franco que, além de colaborar com um ensaio de sua lavra, nos franqueou generosamente o acesso a documentos localizados, estabelecidos e anotados pela equipe do projeto POMBALIA – POMBAL GLOBAL.

Da mesma forma, também consideramos importante dar a ver ao leitor de hoje a dimensão política e cultural que o terremoto de Lisboa [1755] desempenhou no imaginário lusitano e europeu. Para isso, contamos novamente com a colaboração da equipe pombalina, coordenada por José Eduardo Franco, que, entre outras coisas, nos remeteu dois manuscritos de Sebastião José de Carvalho e Melo. Reforçando o dossiê, Walter Benjamin e Rui Tavares nos conduzem pela tragédia, numa espécie de “Lisbon revisited”, cuja repercussão ultrapassa escalas da compreensão humana para ressurgir cifrada nos resíduos da forma literária. Pelos olhos de Lindoia, no ferrugento vaso, revemos: “O rio, a praia, o vale e os montes onde/ tinha sido Lisboa; e viu Lisboa/ entre despedaçados edifícios”.

Do lado de cá, na tentativa de aproximarmos o leitor ainda mais da carnadura concreta do poema, atravessa toda a revista – da capa ao colofon - o belíssimo ensaio fotográfico realizado pelo artista gaúcho, Luiz Carlos Felizardo, em torno das ruínas das Missões, cenário do encerramento de *O Uruguai*. Elas dialogam com a longa tradição de fotógrafos anônimos que se revezam na tarefa coletiva de registrar visitantes também anônimos que visitam o sítio jesuíta, como demonstra o historiador e crítico de fotografia, Rubens Fernandes Junior.

Finalizar este número foi uma experiência épica. Quando começamos a concebê-lo, em abril de 2019, apenas desconfiávamos da enorme tarefa que estava por vir. Basílio da Gama, mais uma vez, se viu no olho do furacão.

Teresa agora é maior e vacinada. Que seja lida.